

O PURGATÓRIO

A palavra «*purgatório*» não se encontra na Sagrada Escritura, mas, nela encontra-se amplamente documentado: trata-se da purificação das almas depois da morte. A doutrina da Igreja menciona quatro «Novíssimos»: morte, juízo, inferno e paraíso. O purgatório não é mencionado porque indica um estado intermédio: as almas do purgatório são salvas, destinadas ao paraíso, embora precisam de purificação.

A doutrina do purgatório é confirmada pela prática de orar pelos defuntos, já existente no povo de Israel:

«Por isso, [Judas Macabeu] pediu um sacrifício expiatório para que os mortos fossem livres das suas faltas» (2 Mac 12, 46). Desde os primeiros tempos, a Igreja honrou a memória dos defuntos, oferecendo sufrágios em seu favor, particularmente o Sacrifício eucarístico para que, purificados, possam chegar à visão beatífica de Deus. A Igreja recomenda também a esmola, as indulgências e as obras de penitência a favor dos defuntos. (Catecismo 1032)

Este texto transmite a ideia de que os que morreram podem beneficiar das orações dos vivos; o que pressupõe um processo de purificação depois da morte, isto é, um estado intermédio antes de chegarem ao Paraíso: o que nós chamamos de «purgatório». Este texto, testemunha que os judeus costumavam orar pelos mortos, prática que continuou sem interrupção na Igreja, até aos nossos dias.

O Purgatório, purificação depois da morte.

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu. (Catecismo, 1030)

O Purgatório não é um castigo, mas uma oportunidade que Deus, no Seus Amor Infinito, oferece às almas de se purificarem depois da morte. Podemos dizer que são pessoas que amaram a Deus e morreram na Sua graça e amizade, mas, durante a vida terrena, não atingiram a perfeição da caridade.

Chamamento à santidade, caminho para o Céu

São Pedro, na sua primeira carta (1,14-16) dizia aos cristãos:

«Como filhos obedientes, não vos conformeis com os desejos que tínheis no tempo da vossa ignorância; mas, assim como aquele que vos chamou é santo, sede também vós santos em todas as vossas ações, pois está escrito ‘Sereis santos porque eu sou santo’» (Levítico 11,44)

O próprio Jesus dizia aos discípulos: **«Sede perfeitos, como é perfeito vosso Pai celeste»** (Mt 5,48). A perfeição consiste no Amor, pois, como lemos na Primeira Carta de São João, «Deus é Amor»: *«Aquele que não ama não conhece a Deus, pois Deus é Amor»* (1Jo 5,8).

Deus quer-nos perfeitos, cheios de amor, por isso, durante a nossa vida terrena, transforma-nos com o dom da Sua graça. Essa graça transformante é o Espírito Santo: *«Pois, vós, que sois maus, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai do Céu dará o Espírito Santo àqueles que lho pedem»* (Lc 11,13). É o Espírito Santo que conduz a Igreja e que habita em nós como num templo: *«Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós»* (1Cor 6,19); o Espírito Santo é o dom de Deus para crescermos em santidade.

Ao longo da nossa vida terrena, como seres livres, podemos acolher o dom de Deus, o Espírito Santo, e chegarmos à felicidade eterna do Céu. Podemos também recusá-Lo e cairmos na infelicidade eterna do Inferno. A vida terrena é o tempo oportuno para realizar a opção fundamental entre Céu e Inferno.

A nossa opção para Deus pode ser imperfeita, mas pode sempre crescer e tornar-se uma escolha firme e definitiva. Deus quer todos os homens conheçam a verdade e cheguem à salvação (cf. 1Tim 2,4-6), mas Ele quer a nossa colaboração, isto é, a adesão livre da vontade. Podemos dizer que a salvação é dom de Deus, mas pela nossa colaboração, de qualquer forma, temos que merecer.

A purificação depois da morte, segundo a Sagrada Escritura

São Paulo diz que a salvação passa através de um fogo purificador:

«ninguém pode pôr um alicerce diferente do que já foi posto: Jesus Cristo. Se alguém, sobre este alicerce, edifica com ouro, prata, pedras preciosas, madeiras, feno ou palha, a sua obra ficará em evidência; o Dia do Senhor a tornará conhecida, pois ele manifesta-se pelo fogo e o fogo provará o que vale a obra de cada um. Se a obra construída resistir, o construtor receberá a recompensa; mas, se a obra de alguém se queimar, perdê-la-á; ele, porém, será salvo, como se atravessasse o fogo». (1Cor 3,11-15)

O fundamento seguro da salvação é Jesus Cristo. Ele é o único Salvador (cf. Judas 1,25). Cada um pode utilizar materiais diferentes; alguns utilizam materiais que resistem ao fogo, como ouro, prata, e pedras preciosas; outros podem utilizar materiais que não resistem ao fogo, como madeira, feno ou palha; alguns com muito zelo e fervor, outros com tibieza e relutância; mas todos deverão apresentar-se diante do juízo de Deus, que é um fogo purificador (cf. Sl 78, 5; 88, 47; 96,3).

O Juízo de Deus é para São Paulo, a prova do fogo: quem resistir a esta prova “receberá uma recompensa”; quem não resistir, “sofrerá uma pena”. Tal pena não é uma condenação, mas uma purificação: o texto diz explicitamente que “se salvará, mas será como através do fogo”, isto é, através do sofrimento.

O Purgatório é passar pelo fogo, não um fogo terreno, mas um fogo espiritual, que não destrói a alma, mas a purifica.

Nesse estado, a alma vê com toda clareza a vida tibia que conduziu na terra, o amor insuficiente com que amou a Deus e o próximo e, diante de Deus, rejeita-os, vence as paixões que se opuseram à vontade de Deus; arrepende-se, até o extremo, de todas as negligências da sua vida terrena; o amor ardente de Deus é para ela como um fogo purificador que extingue todos os afetos desordenados, até chegar à perfeição do amor. ***A alma conhece o Amor Infinito de Deus, sofre por ter sido negligente, e por atrasar assim, por culpa própria, o encontro definitivo com Deus. É um sofrimento nobre e espontâneo, inspirado pelo amor de Deus e pelo horror ao pecado.***

A reflexão teológica de Santo Agostinho

Santo Agostinho (354-430) é considerado o primeiro teólogo cristão que elaborou uma reflexão teológica sobre a existência de uma purificação depois da morte quando fala do costume existente na Igreja de orar pelos defuntos. Ele dizia que a oração pelos defuntos está inserida na verdade católica da comunhão dos santos.

“Não se pode negar que as almas dos defuntos recebam alívio pela piedade dos seus parentes vivos, quando por elas se oferece o sacrifício do Mediador, ou quando se fazem esmolas na Igreja. Mas estas coisas aproveitam aquelas que, quando viviam, mereceram que depois pudessem aproveitá-las.”

“Quando, por tanto, se oferecem os sacrifícios, seja do altar, seja de qualquer classe de esmolas por todos os batizados defuntos, com respeito aos muitos bons, são ação de graças; com respeito

aos maus, ainda que não sejam de ajuda alguma para os mortos, são decerto consolação para os vivos”. (AGOSTINHO DE HIPONA, *De civitate Dei*, 20, 9, 2, PL 41, 674).

Quem mais difundiu a doutrina do purgatório foi o Papa Gregório Magno (590-604). Convencido da existência do Purgatório, começou a criar diversas formas de expressão na liturgia.

O tratado do Purgatório de Santa Catarina de Génova

Santa Catarina de Génova, mística italiana do século XV, publicou o «*Tratado do Purgatório*», uma obra muito importante que esclarece a realidade do Purgatório. Ela trouxe uma lufada de ar fresco sobre este tema, porque ela elabora uma analogia entre a experiência das almas do Purgatório e as almas que ainda vivem na terra: nesta terra, as almas passam por um processo de purificação durante alguns anos; o Purgatório seria este processo que se prolonga para além da morte.

Na sua visão do Purgatório sobressaem dois aspetos: o primeiro, é a plena conformidade das almas com a Vontade de Deus; o segundo, é que, no seu indizível sofrimento purificador, experimentam também uma grande alegria por saberem que estão salvas e que estão a preparar-se para a «visão beatífica».

“O amor de Deus trasborda nas almas e lhes transmite uma grande alegria; uma alegria que é impossível descrever. Esta alegria não lhes tira nem uma centelha de pena, muito pelo contrário, a acresce porque aquele amor se encontra retardado. Resumindo, as almas do purgatório experimentam uma imensa alegria e um imenso sofrimento. E uma coisa não impede a outra”.

“Não há felicidade comparável às almas no purgatório, a não ser a dos santos no céu, e tal felicidade cresce incessantemente por influência de Deus, à medida que os impedimentos vão desaparecendo. Tais impedimentos são como a ferrugem e a felicidade das almas aumenta à medida que esta ferrugem diminui”.

Para a Santa Catarina o Purgatório não é um castigo, mas uma purificação. As almas estão lá plenamente conformadas com a Vontade de Deus, atraídas pelo fogo do Seu Amor, que é um «fogo purificador». Durante este processo de purificação, as almas sofrem ao verem que ainda persiste nelas algum impedimento, mas numa crescente alegria que brota da certeza de que estão destinadas à felicidade eterna do Céu.

“Como o fogo purifica o ouro no crisol, assim o fogo do Amor divino purifica a alma. Deus mantém-na no fogo até que se consuma nela toda a imperfeição; e quando a alma se tiver purificada, fica completamente imergida em Deus.”

O Purgatório no Magistério da Igreja

Já a partir do século II, encontramos documentos que atestam que os cristãos tinham o costume de orar pelos defuntos, em continuidade com a tradição existente no judaísmo; no século III, já estava consolidado o costume de orar pelos mortos na Celebração da Eucaristia, tradição que continua ainda hoje. A Igreja Católica, desde o início, orava pelos defuntos, mesmo não tendo uma ideia clara do Purgatório, verdade de fé que chegou a ser definida pelo Segundo Concílio de Lião (1274), a seguir, pelo Concílio de Florença (1439) e, enfim, pelo Concílio de Trento (1545-1563).

“Já que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das sagradas Escrituras e da antiga tradição dos Padres, nos sagrados concílios e mais recentemente neste Sínodo ecuménico, *ensinou que o purgatório existe* (cf. 1589) *e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo santo sacrifício do altar* (cf. 1743 e 1753), o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenham diligentemente para que a sã doutrina sobre o purgatório, transmitida pelos santos Padres e pelos sagrados Concílios, seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte.” (Concílio de Trento, Decreto sobre a Eucaristia, cap. 3)

A doutrina do Purgatório encontra-se exposta de forma clara e resumida e no Catecismo da Igreja Católica:

“Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não de todo purificados, embora seguros da sua salvação eterna, sofrem depois da morte uma purificação, a fim de obterem a santidade necessária para entrar na alegria do céu” (Catecismo 487)

Deus criou livremente o homem para o tornar participante da sua vida bem-aventurada (cf. Catecismo n. 1), isto é, para ele gozar da «visão beatífica» de Deus, da visão «face-a-face». Deus é Santo, três vezes Santo (Is 6,8), por isso, ninguém pode entrar em comunhão perfeita com Ele se tiver resquícios de pecado. A Carta aos Hebreus di-lo claramente: *“sem a santidade ninguém pode ver a Deus”* (Hb 12, 14).

O Purgatório não é um castigo: é uma oportunidade.

O Purgatório é uma expressão da Infinita Misericórdia de Deus que oferece às almas a possibilidade de se purificarem depois da morte. Como já dissemos, não é um castigo, mas uma purificação. As almas sofrem por estarem afastadas de Deus, mas gozam de uma imensa felicidade porque sabem que, com certeza, alcançarão a «visão beatífica».

Cada ser humano carrega em si mesmo uma certa desordem interior que deveria extirpar durante a vida terrena, mas nem sempre consegue. Pode recorrer ao Sacramento da Confissão e receber o perdão dos pecados, mas nem sempre, talvez raramente, tem uma verdadeira contrição interior e a vontade firme de se emendar; por causa dessa resistência interior, pode morrer sem ter eliminado completamente a desordem do pecado.

O Purgatório realiza esta purificação depois da morte. É um estado transeunte, um processo de santificação, onde a alma fica cada vez inflamada pelo amor de Deus, por isso, rejeita o pecado, se vai purificando, crescendo em santidade até alcançar a perfeição necessária para entrar na «visão beatífica», isto é, na comunhão perfeita com Deus.

O Purgatório é, portanto, a possibilidade de santificação que Deus, por amor, oferece às almas depois da morte, afim de chegarem ao Paraíso. Não é, de forma nenhuma um castigo, mas uma oportunidade que Deus, pela Sua Infinita Misericórdia, concede às almas.